

Através dos quintais: memórias dos negros do sertão do Jacuípe nas letras de Miguel Carneiro

MARINÉLIA SOUSA DA SILVA

A cidade sertaneja do poeta

"A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas; nas ruas de subúrbio, nas casas de jogo, nos prostíbulos, nos colégios, nas ruínas, nos namoros de esquina. Disso quis eu fazer a minha poesia, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não têm voz".

Ferreira Gullar

Nascido em Riachão do Jacuípe, em 1957, Miguel Antônio Carneiro tem-se incursionado pelas letras, desde a década de 70, quando escreveu seus primeiros textos. Sua estreita ligação com a arte da palavra e da representação o leva, em 1976, a freqüentar a *Université de La Sarbonne Nauvele Secção Paris III* onde iniciou o curso de Letras com Português, deixando-o por completar. Desde então, afeiçoou-se ao fazer literário, escrevendo poemas, contos e novelas, alguns ainda inéditos. Chegou mesmo a escrever um romance infantil, *No país dos kiriris*, publicado pela Editora do Brasil na Bahia, em 1993.

Voltado para as suas origens, em sua ficção, Miguel tem na terra natal (Riachão do Jacuípe – município da micro-região de Serrinha, a 180 km de Salvador) e seu entorno a sua locação mais recorrente e a força motriz de suas narrativas. Dessa forma, e por uma necessidade maior, enquanto narrador, de contar histórias e causos, o escritor vai descortinado o *modus vivendi* da cidade interiorana de sua infância, revelando muitas vezes ao leitor os segredos e intimidades da sua gente, numa época já tragada pelo tempo.

A Riachão do poeta é constituída de uma profusão de imagens que se misturam em tempos sociais diversos. Da caatinga traz “o travo do umbu”, o canto das aves e “o cheiro forte dos bodes” (Carneiro, 1987. p. 7). Os “fuxicos” e as belezas das mulheres, assim como, as memórias das alforrias, dos ferros e troncos da fazenda Harmonia, de José Rufino (Carneiro, 2008. p. 15) seduzem o homem das letras e aguçam sua inventividade poética. Os coronéis e os padres são personagens recorrentes nas teias do sertão de Miguel, como nas de tantos outros sertões. O escritor devota a inspiração para construção desses personagens aos causos contados por seu avô Augusto Asclepiades, mãe e tias nas tardinhas jacuipenses. Seja como Trazíbulu, Francolino, João Crisóstomo (nomes fictícios), os ruidosos e avarentos “comandantes” da política, da economia e da vida social são envolvidos em tramas de vingança, em brigas com o diabo e em querelas sexuais. Os párocos, por vezes, aparecem como cúmplices das malvadezas dos mandões, mas as memórias do prosador selecionam aqueles que se fizeram portadores d’alguma sabedoria de que necessitava o povo do lugar para se libertar dos grilhões da injustiça.

Em Miguel, Riachão do Jacuípe, rebatizada como *Camercinho do Serro, Tiririca* ou, simplesmente, *vila, arruado, descampado, arraial* é o pólo que condensa os acontecimentos. O espaço não é mero pano de fundo, como inicialmente possa parecer, mas um cúmplice dos acontecimentos (ou da falta deles). Assim, é *Tiririca* quem estigmatiza e extirpa da sua convivência a professora Ernestina, portadora de grande credibilidade perante a população até não se envolver num idílio visto como ofensivo ao *modus vivendi* daquela gente:

A cidade aos poucos foi-se inteirando daquele amor proibido. E, em pouco tempo, a professora passou a ser o objeto de escárnio daquela população ribeirinha. Tornou-se indesejável, uma louca (...) E Ernestina, num sábado de feira, foi posta para fora da cidade, numa camisa de forças, no lombo de um burro choutão, acompanhada de dois praças e um enfermeiro (Carneiro, p. 43-44).

O autor olha pelo buraco da fechadura, penetra nos quintais e alcovas da cidade, perscruta seus valores e comportamentos. A Riachão do Jacuípe nas décadas de 60 e 70 do século XX, um dos cenários dos textos do autor, tinha na agricultura e pecuária suas principais atividades econômicas. Pertencente ao semi-árido baiano, carrega em seu

lombo os discursos da seca como peculiaridade maldita, que dita o rumo da prosa e da vida de seus homens e mulheres.

Na segunda metade dos novecentos, o sisal desponta na região como produto de exportação. Com incentivos do Banco do Brasil e a disposição dos donos de terra do lugar, as pequenas árvores e arbustos contorcidos da caatinga onde se escondiam os veados, raposas e gatos do mato vão dando lugar aos sisalais (Silva, 2005. p. 16-17). O sisal é apresentado nas fontes da época e na memória saudosa de jacuipenses como “ouro branco do sertão” devido à “abundância” de empregos na cidade e na zona rural e do montante de riqueza que gerava – trata-se de um tempo de progresso. Acompanhado da construção da rodovia BR-324 que liga Salvador a Juazeiro da Bahia, a luz elétrica, o sistema de esgotamento sanitário, a construção de praças... (Silva, 2005. p. 21-22). A chegada dos apetrechos da modernidade ao Riachão, alimenta o lamento do poeta: a devastação provocada pelos “brotos do cão” (sisal) feios e pontiagudos que varrem a caatinga e engolem os braços dos homens, fazendo surgir uma multidão de cotós sem direitos trabalhistas (Cf. Carneiro, 1996. p. 41-42).

As prosas e versos de Miguel Carneiro estão prenhes das contradições, dos jogos e negociações que movimentavam o dia-a-dia jacuipense, ora através das inovações trazidas pela modernidade, ora através das reticências do passado que teimavam em se fazer presentes. Interessa-nos perscrutar nesse texto as memórias dos quintais e dos negros no cotidiano jacuipense construídas no conto “Embandeirados quintais do Jacuípe”. Inicialmente trataremos de possíveis interfaces entre memória e literatura; logo após, das teias dos quintais jacuipenses e, por fim, de Cassimira, D. Virgínia, Zé Cachorrinha e dos os mabaços, Manoelito e Manoel.

Prosas da memória

O conceito de memória é essencial quando consideramos que o ato de lembrar liga os homens às suas comunidades e às suas identidades. Pensar em memória é, antes de qualquer coisa, pensar num objeto de disputas e de contínua negociação. A memória é resultado de uma organização e seleção do que é importante, para o sentimento da unidade e coerência da identidade. Pollack (1989) argumenta que lembranças confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração para outra longe de significarem

esquecimentos, significam resistências, opõem-se aos discursos oficiais. A memória é essencialmente da atualidade. Os contos de Miguel estão prenhes de memórias de suas experiências e de suas leituras/projetos de cidade.

Em uma resenha do livro *A Louvação das Prostitutas ao Glorioso São Roque*, Miguel Carneiro (2007) ajuiza que, no Riachão; “a própria memória oficial torce a cara e tenta sepultar com o silêncio e os hiatos aquilo que o povo constrói no difícil cotidiano de sua labuta jacuipense”.

Enxergamos o multifacetado conceito de memória aqui, a partir da leitura de Miguel, num duplo sentido: 1) o literato recorre às suas reminiscências para compor suas prosas; 2) o resultado, a produção de imagens e saberes - seus textos – edificam memórias da cidade sertaneja tão carente de textos escritos que sejam a incluídos nos discursos sobre o mundo ocidental, devoto da palavra escrita.

Dom Pedro Casaldáliga, poeta e bispo de São Félix do Araguaia (MT), na apresentação de *Boca do tempo*, livro de poemas publicado em 2003, vê no autor o dom narrativo defendido por Benjamin, quando nos afirma que “narrador é sobretudo Miguel Antônio, mesmo quando escreve em verso. Seus poemas são poesia sendo história”. Igualmente, Paranhos ([2001]: p.2) dá credibilidade à narrativa do autor: “E é de fato imbatível o que Miguel Carneiro conta. Não há reversão possível nos acontecimentos soterrados num tempo esgotado, tornado mítico pelo próprio narrar”.

As origens do conto em si remetem à tradição oral. Alguns teóricos defendem que o conto como forma literária tal qual existe hoje é um prolongamento, uma ramificação da tradição oral, embora revestida de feições próprias. Portanto as *short stories* não são produto exclusivo da imaginação, mas surgem de fatos que a memória coletiva recolheu e guardou, para mais tarde reaproveitá-los quer como lições, quer como emaravilhamento, quer como meio de criar e/ou vencer o medo.

O conteúdo dos relatos de Miguel têm feição dupla, na qual encontram-se o mundo real, não ficcional, com o mundo imaginário, já que

Miguel Carneiro acopla realidade empírica com ficção, fatos historicamente datados com lendas, eventos do cotidiano com acontecimentos fantásticos, na inter fusão de níveis diferenciados da existência humana, inclusive a onírica (Paranhos, [2001]. p.2).

O escritor/narrador apropria-se da palavra como instrumento para (re)contar fatos que delineiam a imagem de um espaço estrategicamente eleito onde fará circular personagens igualmente escolhidos. As histórias narradas são frutos das reminiscências da infância e adolescência, tanto por ele as ter testemunhado, quanto as conta reproduzindo o que ouviu através de outrem. Enfatizamos a produção literária como parte da constituição de identidade. O texto literário na sua interface com a memória, sua interlocução com o social, a partir do autor como testemunha de uma época. Isso considerando o ponto de vista do narrador, dentro dos parâmetros literários, como indivíduo tecedor da trama, contador de causos nos quais imprime as suas marcas, psíquicas e ideológicas na (re)construção de uma comunidade instada em determinado tempo e lugar.

Através dos quintais...

Miguel Carneiro se aproxima dessa postura modernista e, no cruzamento de dados biográficos com a invenção literária, tece o seu texto a partir da experiência vivida e do desejo de dar vez e voz ao povo de sua terra, eternizando-o em um tempo e espaço míticos. A leitura do texto “Embandeirados quintais do Jacuipé” privilegia, como espaço da memória, os becos e quintais jacuipenses, povoados da complexidade de sua gente.

À medida que lemos o conto, vamos sendo conduzidos pelo narrador pelos becos da pequena cidade e entrando em contato, através dos portões dos quintais ou dos orifícios de suas fechaduras, com as personagens em seus afazeres cotidianos, ocupações ou lazeres. O olhar do narrador, com a intenção de descortinar para o leitor, no espaço da vivência, os seus personagens objetiva não apenas mostrá-los por mera curiosidade, mas trazê-los como seres protagonistas dos cenários, explicitando a notória relação de simpatia e de solidariedade que se estabelece entre escritor e o seu meio no qual desfilam as personagens de origem popular.

Luís Octávio da Silva, no artigo “Os quintais e a morada brasileira”, chama a atenção para etimologia da palavra quintal e os significados que ela encerra:

A palavra “quintal”, segundo o **Dicionário Aurélio**, tem como significado “pequena quinta”, ou então “pequeno terreno, muitas vezes com jardim ou com horta, atrás da casa”. Note-se, então, que a própria etimologia da palavra “quintal” implica uma idéia de produção “rural”. Não se tratavam de chácaras ou pequenos sítios na periferia urbana, mas sim de um elemento presente em todas as residências, independentemente de classe social, localização urbana ou região geográfica. (Silva, 2004. p.65)

Ao personificar os quintais, que “cochilavam à tarde como seus donos”, o narrador cria a brecha para adentrá-los e mostrar as intimidades dos moradores das casas. Assim desfilam aos olhos do leitor, via lente do narrador, engomadeiras de roupa, pedreiros, pequenos negociantes de produtos extraídos da própria terra, funileiros, mulheres pobres conduzindo lenha como combustível para os fogões, dentre outros. Tais personagens são trazidos à tona junto a outros de maior visibilidade social, como uma professora e escritães de cartório que têm igualmente os seus quintais visitados pelo narrador. Na verdade, não se percebe uma trama a ser contada/resolvida, mas muito mais uma preocupação em descrever um cenário no qual se movimentam os personagens a ele pertencentes. Assim, no texto, predomina uma descrição dinâmica daquele “espaço geográfico que mais parecia uma forquilha” recortado por abranger os quintais da memória.

O quintal como espaço que se situa nos fundos das casas, constitui justamente um território velado, não acessível ao olhar público, percorrido, portanto, apenas pelos habitantes e íntimos da casa, e por empregados domésticos. Na verdade, um espaço mais percorrido por mulheres em suas lides domésticas. No conto, o narrador quebra essa convenção do quintal como espaço frequentado por conhecidos, ao adentrá-lo, flagrando, inclusive, momentos de intimidade e liberdade, ao observar, por exemplo, ainda que pelas frestas das fechaduras dos portões, banhos ao ar livre:

Mais adiante, num quintal amplo, com um centenário dendezeiro enfeitando a paisagem, estava a casa da Escrivã do Feitos Cíveis (sic), Waldelice Antônia Carneiro, onde, ao cair da tarde, sua filha mais velha, Maria, tomava banho numa bacia, alheia ao mundo. Era um atentado à moral de quem, pela greta do portão, ficava em sentinela a observar-lhe o festejo asseio (Carneiro, 2001. p. 47)

O texto informa sobre árvores frutíferas e ornamentais cultivadas nos quintais visitados pelo narrador: romãs, araçás e pinhas, junquinhos e até um “centenário

dendezeiro” (em um dos quintais em abandono, “esquisito”, a presença de vegetação que combinava com ele: mamona e cansação), bem como das atividades desenvolvidas nesses espaços. Tais atividades estavam ligadas diretamente à sobrevivência dos moradores, como também as de lavar e engomar roupas. Assim, vai oportunizando a visibilidade de personagens como Dodôra, mostrada através da lavagem de roupas, que eram estendidas sobre “pedras de seixos tiradas do rio Jacuipé”. Nesse contexto, peças íntimas emergem como reveladoras de aspectos do caráter das pessoas: “Notava-se pelas peças a personalidade de cada morador” (Carneiro, 2001, p. 47).

Cassimira, D. Virgínia, Zé Cachorrinha, os mabaços Manoelito e Manoel...

Qual nexos haveria entre as roupas de quarador, “os baixeiros de Dodôra” com os descendentes de escravizados construídos pelo autor? Pode-se pensar no óbvio: quintal como um dos lugares de negros trabalhando, dando vida aos arditos verbos: lavar, passar, capinar, cozinhar... O autor capciosamente trai nossos preceitos. Não trata de negros nos quintais. São homens e mulheres que se movimentam nas teias da cidade, vendendo, passando roupas, lendo, escrevendo, seduzindo e sendo encantados. Para Paranhos:

Este é um poeta do cantar de um mundo fragmentário, mundo que o tempo retorceu e retorce em seus meandros. (...) Em Miguel, pode-se falar do traço que o famoso estilista Leo Spitzer denomina como “enumeração caótica”: uma forma de enumeração que parece não ter nexos, mas que mantém uma conexão profunda no espírito do poeta e na sua organização das palavras que representam a sua reorganização do mundo (Paranhos, 2003).

Seguindo as pegadas da memória coletiva, observamos, a partir das reminiscências de outros conterrâneos, que os personagens citados no texto foram moradores da cidade nos anos 1970. A leitura do cotidiano e o olhar atento do poeta às contradições sociais de seu trecho legaram preciosos vestígios a serem seguidos por quem se preocupa em perseguir os rastros dos negros nestes sertões.

Os negros do sertão da Bahia quase não foram estudados. Temos alguns trabalhos historiográficos que tratam da escravidão nos sertões de Caetité, Feira de Santana, Rio de Contas, Lençóis e Jacobina, mas, assim como na historiografia brasileira, pouco se tratou da trajetória dos negros no período posterior à abolição da escravatura. Foi na área da etnocologia que recentemente foi lançado (2005) *A louvação das prostitutas ao glorioso São Roque* – texto que privilegia a população pobre e em sua maioria negra que protagoniza a lavagem de São Roque nas ruas de Riachão do Jacuípe. Nos “Quintais embandeirados do Jacuípe”, conto do livro *O diabo em desordem*, publicado em 2001, Miguel Carneiro penetra na intimidade dos conterrâneos e traz personagens que se movem e movem quintais, ruas, estradas de chão, quartos, armarinhos...

Dos 18 nomes de jacuipenses citados nos “quintais embandeirados”, 4 são qualificados pelo autor como negros. Miguel Carneiro até indica o local da África de onde os antepassados d’alguns desses teriam sido embarcados (da Costa da Mina, do Congo). Vamos lhes apresentar esses homens e mulheres negras que viviam em Riachão do Jacuípe na segunda metade do século XX, observando suas ocupações, procedências, seguindo, por enquanto, as pistas descritas pelo poeta.

Cassimira, Zé da Cachorrinha, os mabaços Manoelito e Manoel irrompem na narrativa já no segundo parágrafo, entre a enunciação da localização dos quintais e a penetração nos mesmos. Entre as casas do velho tabelião aposentado Augusto Asclepiades (seu avô), D. Cecília (do armarinho) e do cartório de José Abraão Carneiro, a “casinha” de Cassimira logo surge na narrativa. A trajetória de Cassimira é construída a partir da sua ancestralidade: sua “ascendência do Congo”. Na segunda metade do século XVIII, época do apogeu do açúcar, a produção baiana contou com grande número de escravizados trazidos da África Central, do reino católico do Congo, haja vista as irmandades dos Angolas que funcionavam na Igreja do Rosarinho no Recôncavo da Bahia, nos oitocentos, estudadas por Reginaldo (2005). Na atual conjuntura é crescente entre os estudiosos o interesse em pesquisar a dinâmica das identidades étnicas na diáspora.

Os escravos vindos do Congo, tanto quanto os da Costa da Mina ou do Golfo do Benim destinavam-se prioritariamente às propriedades do Recôncavo, e foi de lá que

Cassimira, uma das descendentes, vinha “corrida das perseguições do antigo marido” na segunda metade do século XX. De acordo com Reginaldo (2005, p. 184 -185) em 1739 os escravizados de origem angolana constituíam 17,6 % na região do Recôncavo baiano, proporção que aumenta para 32,6%. Infelizmente não temos outros dados para continuar seguindo os rastros deixados pelos parentes dessa mulher. Mas cabem aqui algumas inferências: Por que Miguel Carneiro diz que os ancestrais de Cassimira eram do Congo? Era uma simples inferência do poeta leitor de antropologias dos candomblés da Bahia, ou fruto de conversas com Cassimira? Será que ela trazia em suas memórias referências da trajetória de sua família, ou ela construiu essa identidade a partir de suas práticas religiosas? Ou tudo não resulta da construção discursiva do escritor? São perguntas que aqui são feitas, para as quais não dispomos de dados para construir respostas.

A personagem “vivia imersa em barrufos, goma e seu ferro de gomar a carvão, a passar inúmeras trouxas de roupas para o povo” (Carneiro, 2001. p.47). A profissão de lavadeira foi uma das saídas encontradas por mulheres negras com o fim da escravidão. Santa Bárbara (2006) pesquisou o cotidiano e os conflitos vivenciados pelas lavadeiras de Feira de Santana, em sua maioria negras, entre os anos de 1929 e 1964, que disputavam com outros feirenses os chafarizes da cidade. Em 1964, as lavadeiras do Tanque da Nação receberam com entusiasmo a inauguração do Abrigo das Lavadeiras, visto que implicou em melhorias consideráveis em suas condições de trabalho.

Miguel Carneiro caracteriza Cassimira como “uma negra leal, destemida”. Talvez com isso queira dizer trabalhadeira, confiável e que conquistara a proteção do velho tabelião Augusto Asclepiades, avó do poeta, mas ao que parece não dependia dele para sobreviver. O trabalho de lavadeira deveria render o suficiente para garantir sua subsistência. Não há indicações de que ela tivesse filhos do marido ou do protetor. O velho tabelião aparece como “o porto seguro para apaziguar sua vida cigana. Ele lhe dera a casinha e o apoio moral para que ela se conduzisse na vila”. Ela se movimentou do Recôncavo para Riachão em busca de melhores condições de vida. E há que ser dito que não era fácil a vida de uma mulher solteira, negra e pobre nos sertões jacuipenses na meação do século passado. O estudo de Lourdisnete Benevides (2006) trata da relação da “sociedade jacuipense” com as mulheres “de vida fácil” - as prostitutas da “rua do

Fogo”, e dos diversos dispositivos de exclusão construídos para delimitar os espaços de circulação da população pobre e das prostitutas da cidade. A lavagem de São Roque é construída pela autora, através das memórias de seus participantes, como um momento ímpar do calendário anual em que magarefes, coveiros, prostitutas, lavadeiras ocupavam o centro da cidade ao som da banda do Biriba com cores, danças e fé no santo e nos orixás Omolu e Obaluaê.

Próximo à “casinha” de Cassimira, morava Vírínia, “aleijada dos dois pés (...) vivia sozinha e, para se entreter, comercializava casca de pau em infusão: cambuí, pau-de-rato, caçutinga...; toda sorte de vaqueiros desapeava de seus cavalos, aos sábados, para bocar uma talagada” (Carneiro, 2001. p 47). A descrição aponta para uma mulher pobre. Dificilmente uma mulher “de família”, casada ou solteira, iria vender cachaça para todos os tipos que por ali passavam. Arranchava-se ali Zé da Cachorrinha, nos dias de feira, “e feira em Riachão é dia de sábado” (Silva, 2005. p. 38).

Nosso segundo personagem é Zé da Cachorrinha. Provavelmente, o nascimento dele tenha ocorrido na aurora do século XX, pois nas memórias do poeta aparece “já passando de seus 70 anos”. Era um homem solteiro, morador da zona rural. Zé talvez não fosse proprietário de terra, é possível que fosse um meeiro ou morasse de favor nas terras de alguém. Zé “habitava lá pelos lados da Fazenda Cafundó, onde no século XVIII era um quilombo de negros fugidos, cortado pelo rio Tocós que nascia em Serrinha”. Apesar da antiga tese de que existiam poucos negros nos sertões da Bahia e que eram insignificantes para propulsão das economias locais, os estudos de Neves (2001) para a região de Caetité têm contribuído para descortinar os meandros da escravidão no interior dessa província. Sobre a escravidão em Riachão do Jacuípe e seu entorno:

Pretos no sertão dos Tocós eram empregados na condução das boiadas, nas lavouras, nos serviços domésticos e noutras tantas tarefas que movimentavam o cotidiano dos recônditos distantes do litoral. Inventários da segunda metade do século XIX, comprimidos em caixas-arquivo numa pequena sala do Cartório Cível do Fórum Desembargador Abelard Rodrigues– Comarca de Riachão do Jacuípe - informam-nos a respeito dos pretos e fulas escravizados e libertos, dos ingênuos e idosos que povoavam a circunscrição da Paróquia do Riachão do Jacuípe na época em que foi elevada à categoria de vila pela lei provincial 1º de agosto de 1878 (Silva, 2009. p. 2).

Era comum pretos do Recôncavo se refugiarem no sertão, assim como a formação de quilombos no sertão. Carmélia Miranda (2005) estudou as memórias de formação da comunidade negra de Tijuacu, próximo a Jacobina, que, de acordo com os depoimentos orais, foi fundada por Mariinha Rodrigues uma negra fugida de Salvador que se instalou na região no século XVIII.

Zé da Cachorrinha vinha da zona rural, aos sábados, acompanhado de suas irmãs, montados em jeguinhos e traziam para vender na feira “toda sorte de cambucás e folhas largas”. Folhas largas são pequenas frutinhas pretas que, quando consumidas, empretessem a língua para alegria dos meninos. Os cambucás, doces como mel, conhecidos como jabuticabas, em outras regiões, também têm coloração preta. É muito provável que Zé e suas irmãs trouxessem outros tipos de frutas, de outras cores, mas talvez o autor tenha selecionado de suas memórias essas duas, justamente por serem pretas, e por provocarem, assim como seus vendedores, os olhares de seus leitores para a diversidade que “abarrotava as ruas do velho Jacuípe”, à luz da memória oficial.

O comércio ambulante realizado nas feiras por homens e mulheres foi uma das alternativas de trabalho da população negra e pobre durante a escravidão e no pós-abolição. Nos campos do Jacuípe, diversos textos que tratam da Feira de Lucas (Feira de Santana) dão pistas para pensarmos nos vendedores de frutas, verduras, hortaliças, miúdos de boi, porco e carneiro, ou mesmo no comércio de aves e animais de grande e pequeno porte realizado por homens e mulheres negras (Freire, 2007). Muitos moradores da zona rural traziam de suas próprias roças produtos para comercializarem na feira; outros compravam de produtores rurais para revender. São alternativas forjadas no cotidiano, cuja versatilidade de produtos e as estratégias na arte de comerciar garantem a sobrevivência: “Se o tempo se mostrava com a cara do cão, e as chuvas batiam em retirada ele [Zé da Cachorrinha] apeava com os caçuás cheios de ovos de “saqué”, envoltos em samambaias, para revender na feira” (Carneiro, 2001. p. 46).

Enquanto Cassimira fora caracterizada como uma negra leal e destemida, Zé da Cachorrinha é apresentado como um negro forte, que “possuía um sorriso maroto, quase desavergonhado”. Pensamos que esse sorriso de Zé desafiava a pretensa harmonia da cidadezinha do interior (Silva, 2005) descortinava outras faces, expunha outras leituras de mundo e de vida.

Não podemos deixar de registrar que Zé da Cachorrinha é um nome que serve para pensar. Miguel Carneiro gosta de retratar os homens de sua terra através dos apelidos. Nos “Embandeirados quintais do Jacuípe” aparecem Rufino Piru, Dodô Mascarenhas, Totó, Zuca de Titô, Dodôra. Os apelidos, que são abundantes nestes sertões, também denotam o que a psicologia popular tem a dizer das pessoas, em tom de carinho ou de gozação. Zé da Cachorrinha não soa muito carinhoso, talvez seja mais um dos “mistérios gozosos” dos quais se apropria o poeta para brincar com as memórias de sua gente.

Ao que parece, os irmãos gêmeos Manoel e Manoelito ocupam um lugar de destaque nas letras de Miguel. Talvez chamassem a atenção do poeta de forma especial. Eles figuram na poesia cujo título é *Mabaços*:

2 negros
2 Reis Magos
2 irmãos
2 mundos guardados dentro de uma velha mala de couro
(Carneiro, 2002. p. 27)

A “católica” cidade sertaneja da primeira metade do século XX, pelos idos de 1960, conhece outras religiões cristãs. O espiritismo chega com professor Altino Bastos e a primeira Igreja Batista, fundada em 19..., é frequentada pelos irmãos. Manoel e Manoelito são comparados aos Reis Magos, talvez “por terem sido os primeiros humanos a reconhecerem Jesus como Salvador” (Tremura, 2004. p. 1). Os magos do oriente, entre eles um etíope, ligados às festas do Natal pouco aparecem na Bíblia. Eram magos e não feiticeiros, considerados sábios, filósofos que, perscrutando o firmamento, observaram a presença de um astro que sinalizava o nascimento de um novo rei, o Rei de Judá. Os mabaços, que aderiram a uma nova fé, provavelmente dominavam a leitura e escrita e guardavam seus segredos em malas de couro como tantos outros homens do sertão, daquela época.

Os dois eram pedreiros, e definidos pelo autor como “negros de bom caráter”. A fortaleza desses homens não residia no corpo, mas, talvez, na sabedoria e na retidão de seus procedimentos. Não participavam de arruaças e bebedeiras, como bem indica a disciplina protestante. Bebedeiras tão comuns entre a gente pobre desse sertão não aparecem como costume dos negros neste conto de Miguel Carneiro.

É como se esses personagens (Manoel e Manoelito) estivessem localizados num nível social acima dos supracitados. Não “dependiam” da proteção do velho tabelião, como Cassimira, nem dos proprietários de terras da região como Zé da Cachorrinha. São pedreiros, trabalhadores que gozam de certo prestígio na hierarquia dos ofícios dos pobres. Ainda na época do cativo, os escravos oficiais (pedreiros, carpinteiros, ourives, sapateiros, músicos) eram muito valorizados, podiam ser alugados para prestação de seus serviços especializados colaborando para aumentar a renda dos senhores (Cf. Freire, 2008. p.). Nos sertões baianos também compartilhava-se do costume de mandar escravizados aprender ofício o que supervalorizava o preço do escravizado e também permitia que o mesmo amealhasse pecúlio para a compra de sua alforria. Os gêmeos são trazidos para a trama, na segunda metade do século XX, como homens livres capazes de conduzir suas próprias vidas, inclusive escolhendo praticar uma religião não muito bem quista pelos mandatários daquele lugar à época (Cf. Silva, 2005. p.56).

Através da prosa de Miguel Carneiro, percebe-se que esses homens também cultivavam hábitos incomuns: “Manoelito colecionava patacas de cobre do império e Manoel vivia a grifar numa velha Bíblia passagens do Novo Testamento” (Carneiro, 2001. p. 47). A passagem de Manoel no conto é concluída com ele encenando uma de suas peculiaridades: “traçava com o velho tabelião Augusto Asclepiades, discutindo a Bíblia à luz da hermenêutica e das exegeses” (p.47). Isso reforça nosso argumento de que os irmãos gozavam de prestígio social e intelectual entre os moradores daquela encruzilhada entre a Rua J. J. Seabra e o beco que dá acesso à Rua Aurélio Mascarenhas – cenário dos quintais jacuipenses selecionados pelas memórias do poeta.

Pois bem, assim como os ancestrais de Cassimira, que vieram do reino do Congo, na África Central, os antepassados de Manoel e Manoelito “teriam vindo da Costa da Mina, no litoral setentrional do Golfo da Guiné” (p. 47). Para Neves (2001), a maioria dos escravizados do sertão baiano eram nascidos no Brasil. Inclusive esses eram os preferidos dos senhores dos sertões, ao contrário dos africanos, porque dominavam a língua e os costumes brasileiros. Estudos recentes sobre a região de Feira de Santana da segunda metade do século XIX confirmam essa premissa. Mas muito ainda tem que ser feito para construir imagens dessa gente dos campos do Jacuípe. As perguntas postas logo acima se repetem aqui: Teria o contista acesso a informações sobre a genealogia

familiar dos dois pretos? Esses guardavam memórias de seus ancestrais? Eles eram filhos de ex-escravos de senhores do Riachão? Teriam vindo mesmo de outro lugar?

Outra possibilidade a ser aventada é o fato de Miguel Carneiro ter se incursionado pelos velhos papéis do tabalionato de Augusto Asclepiades em busca de informações. Ou teria feito ilações baseado no que seu avô lhe contara? Muito provavelmente, nenhuma dessas perguntas da historiadora fez parte das elocubrações do poeta. No contexto da análise literária, ele poderia ter apenas “criado” os personagens, já que não estaria comprometido necessariamente em revelar o real. Nessa tentativa, insinuam-se resquícios do velho hábito daqueles que praticam a história de tentar construir verdades.

Considerações finais

Numa época em que observamos a emergência da memória como preocupação central das sociedades contemporâneas, a despeito do investimento na superação do passado, característica das sociedades modernas, o que Hyssen (2006) chama de “obsessão memorialística” notada através da necessidade de restauração de antigos centros urbanos, no culto ao patrimônio, na reinvenção das tradições, na ploriferação de exposições históricas, reler a escrita de Miguel Carneiro sobre o Riachão foi um convite irrecusável.

Seguindo as pistas deixadas por Miguel Carneiro sobre os quintais e alguns pretos que moravam em Riachão do Jacuípe na segunda metade do século XX, observamos como o poeta se apropria, seleciona e recorta memórias de suas vivências na cidade para construir outras memórias sobre a mesma. Paranhos (2001:) observa que nos textos de Miguel Carneiro, “a busca da história se dá nas lacunas e no esquecimento, nas histórias dos indivíduos em suas relações com sua terra, com sua memória, com sua infância e juventude”. O prosador capta as sabedorias do povo de sua terra e a sua capacidade de transformar os desafios cotidianos em festa e beleza. Assim se refere à lavagem de São Roque:

O povo sábio, independente, nunca se importunou para o que pensava a sociedade, eles queriam vadiar [...]. E por ter embutido em seu caráter algo de nobreza, resquícios ancestrais de seus reis e rainhas que vieram de Monjolo, Bengüela, Mina, na África, desfilavam pelas ruas do velho arruado sem se importar com os olhares de censura e maldade de meus conterrâneos (Carneiro, 2007. p. 1).

De uma leitura, que esteve longe de ser exaustiva, fica configurada a provocação para um estudo mais apurado da complexidade da gente jacuipense, a partir do olhar de Miguel Carneiro, escritor baiano contemporâneo, cuja obra, embora desconhecida do grande público, abre aos estudiosos a possibilidade de se deixar ler por várias perspectivas.

Referência Bibliográfica

A Tarde, Salvador, 5.10.2002. Caderno Cultural, p.6-7. C. 5.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*.

Recife. FJN. Massagana. São Paulo: Cortez, 1999.

CARNEIRO, Miguel A. *O coronel não manda mais no trecho*. Salvador: Ed. Nelpa, 2008.

CARNEIRO, Miguel A. *A louvação das prostitutas de Riachão do Jacuípe ao Glorioso São Roque de Nete Benevides*. 2007. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/banco/a-louvacao-das-prostitutas-de-riachao-do-jacuipe-ao-glorioso-sao-roque-de-nete-b> acessado em 18/08/2009.

CARNEIRO, Miguel A. *Boca do tempo*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2002.

CARNEIRO, Miguel A. *O diabo em desordem*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2001.

CARNEIRO, Miguel A. *Esconso e outras histórias*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1996.

CARNEIRO, Miguel A. *No país dos Kiriris*. Salvador: Editora do Brasil na Bahia, 1994.

CARNEIRO, Miguel A. *Os cânticos*. Salvador: Assembléia Legislativa da Bahia, 1993.

CARNEIRO, Miguel A. *Pelas lupas do Jaguaracambé e outras poemas*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1987.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (orgs). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da Liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2006.

FREIRE, Luiz Cleber M. *Nem tanto ao mar, nem tanto à terra: agropecuária, escravidão e riqueza em Feira de Santana (1850-1888)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

MIRANDA, Carmélia M. *Escravidão e Fuga na América Portuguesa: A história de Mariinha Rodrigues e seus descendentes na Bahia– Séculos XIX e XX*. In. Proj. História, São Paulo, (31), p. 391-402, dez. 2005.

NEVES, Erivaldo F.. *Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio* (um estudo de historia regional e local). Salvador: Feira de Santana, 1998.

PARANHOS, Maria da Conceição. *A narrativa cartorial em 'O diabo em desordem'* [2001]7.p (mimeografado).

PINA, Maria Cristina D. *Santa Isabel do Paraguassú: cidade, garimpo e escravidão nas Lavras da Diamantina* Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador 2000.

POLLACK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, v. 2, n. 3, 1989.

SILVA, Marinélia S. *Padre não deve se meter em política? Conflitos de política e religião em Riachão do Jacuípe nas últimas décadas do século XX*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador 2005.

SILVA, Marinélia S. *Memórias e rastros da liberdade*. Anais do XXV Simpósio Nacional de História: História e Ética – ANPUH. Fortaleza, 2009.

SILVA, Luís O. *Os Quintais e a morada brasileira*. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, Belo Horizonte, v. 11, n. 12, p. 61-78, dez. 2004.